
À toa na vida até chegar o tempo de ler, ouvir e ver – não podemos ignorar

António Melo



Electronic version

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/2583>

DOI: 10.4000/cultura.2583

ISSN: 2183-2021

Publisher

Centro de História da Cultura

Printed version

Date of publication: 9 June 2015

ISSN: 0870-4546

Electronic reference

António Melo, « À toa na vida até chegar o tempo de ler, ouvir e ver – não podemos ignorar », *Cultura* [Online], Vol. 34 | 2015, Online since 27 July 2016, connection on 30 April 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/2583> ; DOI : 10.4000/cultura.2583

This text was automatically generated on 30 April 2019.

© CHAM – Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

À toa na vida até chegar o tempo de ler, ouvir e ver – não podemos ignorar

António Melo

- 1 Estamos aqui para uma viagem no tempo que para alguns é mera ficção. Um filme que não viram, com imagens soltas de uma realidade que descrêem. O mais próximo que posso propor para esse salto de imaginação é o Irão, onde subsiste um fascismo religioso que congelou o real – é assim, sempre foi assim, assim será.
- 2 *Economizar e poupar manda Salazar* – a noite era iluminada a 25 volts, mesmo nas estradas que tinham iluminação era um pirilampo no alto de um poste. Nas quintas em redor, e elas principiavam à beira das vilas e cidades que não tinham mais de cinco mil habitantes, era o petromax, a vela, a lamparina e o candeeiro de azeite.
- 3 *Deitar cedo e cedo erquer dá saúde e faz crescer* – era falso. As crianças na escola eram enfezadas, os dentes cariados e a pele escura de terra. Sem o sol que as alimentava e a fruta que apanhavam à socapa, seriam crianças à beira da tuberculose e raquíticas. Levantavam-se de noite para fazer os 2 a 4 km que as separava da escola, com uma saca de serapilheira enfiada sobre a cabeça a fazer de impermeável, olhos encovados e botas cardadas de sola gretada, com atacadores de cordel, a bater no soalho da sala de aula.
- 4 Ao meio-dia os da terra iam a casa almoçar. Mesmo que apenas uma sopa com naco de pão alimentava para a tarde que terminava às 15h. Os das quintas traziam, se traziam, a bucha e bebiam água. As cantinas escolares eram uma imagem distante, que não se pensava pudesse existir nas escolas portuguesas. Para os indigentes havia um albergue e, para os sem pão, um lactário onde se dava um copo de leite de manhã e outro ao meio da tarde. Mas era preciso ser mesmo indigente ou doente.
- 5 A Emissora Nacional pontuava o dia e marcava os tempos em sincronia com as badaladas do sino. O transístor não existia e deitar cedo era nas quintas um hábito tanto quanto uma necessidade. O isolamento combatia-se com as procissões, que eram muitas e encenadas a preceito. Percorriam-se as ruas principais, visitava-se a capela do santo que se celebrava e regressava-se à igreja matriz coberto das pétalas destinadas às imagens e ao senhor prior, por entre janelas floridas e engalanadas de colchas de damasco.

- 6 As invernias combatiam-se com roupa e braseiras e as canículas com pirolitos a que se juntava um pouco de café para fazer uma espuma que fingia de cerveja.
- 7 Nas casas da vila ou cidade havia criadas que dormiam num sótão. Chegavam franzinas com 12 anos e partiam quando chegava o casamento, dez anos depois.
- 8 Este era o Portugal metropolitano.
- 9 Havia um outro, o ultramarino, onde cada família tinha um parente e de que pouco se sabia a não ser quando de tempos em tempos ele vinha para férias e ficava dois, três meses. A família acompanhava-o e era como se uma nave extraterrestre caísse no quintal. Tinham brinquedos que nunca víamos, revistas brasileiras de que se ouvia falar mas agora podíamos folhear, fatiotas que nos deixavam boquiabertos. Falavam de frutos e paisagens que não conseguíamos recompor.
- 10 Pelas conversas percebia-se que a vida por lá era diferente. Cada um tinha um criado, a que chamavam de *moleque*, havia o cozinheiro, o lavadeiro... enfim ao contrário do que era por cá, onde havia a cozinheira, a lavadeira... Havia um hiato quando queríamos saber o nome do moleque com quem brincavam. Por cá, as criadas tinham nome – eram Maria, Albertina, Conceição, Zefa... As pessoas de lá eram sombras sem nome e de rosto que imaginávamos a partir dos que víamos nas revistas aos quadradinhos e nos romances de aventuras.
- 11 Em 1956 a TV experimental apareceu na Feira Popular de Lisboa e foi um acontecimento. Não tão grande como o que abalou o país em 1958 e ficou conhecido como o “furacão Humberto Delgado”.
- 12 Afinal a realidade podia transformar-se.
- 13 Apesar das tentativas do regime para voltar à modorra habitual, o tempo que se escoara não se revertia.
- 14 Havia mundo para lá dos muros e as *Aventuras de João Sem Medo*, que habitava na aldeia de Chora-que-logo-bebes, criadas por José Gomes Ferreira, em 1963, foi a primeira metáfora do salto que gerações após gerações iam dar para lá da Espanha, para escapar da miséria dos campos e da Guerra Colonial.
- 15 O distante Portugal ultramarino sofreu o grande abalo em 1961, quando no dia 4 de Fevereiro de 1961 um grupo de guerrilheiros africanos assaltou as prisões para libertar os detidos políticos que reclamavam negociações com vista à autodeterminação do território angolano.
- 16 “Para Angola, rapidamente e em força!”, foi a resposta de Salazar, dada em 13/4/1961 e que marcou os destinos de Portugal nos 13 anos seguintes.
- 17 As sombras desse mundo ignoto, misterioso, tomavam a cena e interpelavam os jovens da Metrópole.
- 18 O que era o colonialismo?
- 19 Para a esmagadora maioria até a pergunta era incompreensível.
- 20 A aprendizagem vai ser acelerada.
- 21 É possível que o *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador* tenha chegado ao conhecimento de alguns em Portugal quando foi pela primeira vez editado em Paris, em 1957. Mas, em termos de divulgação, mesmo se clandestina, só em 1966 ele por cá chegou – e foi um choque.
- 22 Finalmente era-nos explicado numa linguagem clara e racional o que era o colonialismo.

- 23 Albert Memmi passou a ser citado nos meios universitários como se de uma palavrachave se tratasse. Não era ele que contava, durante anos pensei que era negro, à semelhança de Frantz Fanon, que só muitos anos depois soube que era da Martinica e não africano, assim como Memmi era da Tunísia e não do sub-Sara. O que contava é que ele nos dava uma perspectiva histórica para compreender o que era o colonialismo, ao mesmo tempo que traçava com uma mesma inevitabilidade histórica o seu fim. O processo foi bem mais lento do que se esperava, foram precisos mais 13 anos, mas Memmi nunca marcou datas para o fim desse processo, explicou simplesmente que a dialéctica mestre-escravo de Hegel se aplicava com toda a evidência ao binómio colonizador-colonizado, embora tenha preferido recorrer a Racine para estabelecer a analogia.
- 24 Racine escreveu *Britannicus*, uma peça teatral que opõe Nero e o seu irmão por adopção Britannicus. Este, por ser o filho biológico do imperador Cláudio, devia suceder-lhe, mas Cláudio veio a casar com Agripina, que tinha já um filho, Nero. Cláudio adoptou Nero como filho e Agripina intrigou para que ele fosse o sucessor em vez de Britannicus. O processo de usurpação desencadeia em Nero um paroxismo de posse e destruição do irmão adoptivo. Mais do que eliminá-lo, quer fazê-lo desaparecer, para que tudo o que era dele possa ser legitimamente seu.
- 25 O processo de colonização procede do mesmo modo. À partida o colono desconhecese, é um expatriado, um emigrante em terra desconhecida. Mas a potência colonizadora dota-o de um estatuto de privilégio que lhe confere o direito de superioridade sobre o autóctone. A aprendizagem desse estatuto confere-lhe um papel, de colonizador, que passará a desempenhar. Mas ele sabe, por definição, que se trata de uma situação. Os papéis podem alterar-se, pois o seu estatuto de privilegiado sustenta-se numa usurpação, legitimada pelo poder de exploração que lhe foi conferido ou delegado pela potência colonizadora. O passo seguinte será o de tornar definitivo o estatuto. Ele é colonialista porque o colonizado nunca poderá deixar de o ser. Não dispõe dos atributos humanos para se realizar enquanto ser político. Precisa de ser governado, para bem dele.
- 26 Colono, colonizador, colonialista – o percurso está completo.
- 27 Porém, à medida que o processo se realiza, entra em derrapagem, numa contradição de termos. Jean-Paul Sartre no prefácio que fez para o livro de Memmi caracteriza com precisão esta situação: “ninguém pode tratar um homem ‘como um cão’ se ele não for considerado primeiro como um homem.”
- 28 O passo seguinte é tratar o colonizado como sub-homem, considerar as diferenças inultrapassáveis, estabelecer essas diferenças como superioridade de raça, conferindo, ao mesmo tempo, o direito de exploração do colonizado.
- 29 Mas também esta arquitectura é de papel. Ao estabelecer a relação num padrão de legitimação e direito, obriga-se a ter deveres e a reconhecer, *ipso facto*, direitos ao colonizado.
- 30 Assim, a relação colonial passa a assentar no racismo e a única saída para o colonizado é o desespero da morte. Ou, dito na formulação de Sartre: “foi o colonialismo que criou o patriotismo dos colonizados. Mantidos por um sistema opressivo ao nível do animal, não se lhes deu nenhum direito, nem mesmo o de viver, e a sua condição piorou cada dia; quando o povo não tem outro recurso do que escolher o seu género de morte, quando não recebeu dos seus opressores mais do que uma única dádiva, o desespero, que lhe resta ainda perder?”
- 31 Em conclusão, ainda pela mão de Sartre:

“não há nem bons nem maus colonos: há colonialistas. Entre eles alguns recusam a sua realidade objectiva: arrastados pelo aparelho colonial, fazem todos os dias de facto o que condenam em sonhos e cada um dos seus actos contribui para manter a opressão; não mudarão nada, não servirão a ninguém e encontrarão o conforto moral na inquietação, eis tudo. Os outros – é o maior número – começam ou acabam por se aceitar.”

- 32 Depois desta leitura, a decisão pessoal estava assumida – guerra colonial certamente que não.
- 33 Por esse tempo, até mesmo antes de encontrar Memmi, andei pela ambiência da JUC, onde encontrei os católicos progressistas do jornal *Encontro* e, com eles, uma revista – *Croissance des jeunes nations*.
- 34 Convém dizer que as leituras de Memmi e Sartre sobre o colonialismo não são exactamente as mesmas. Memmi fala em “situação” colonial e Sartre em “sistema”, o que faz a sua diferença.
- 35 O debate entre marxismo e democracia-cristã ocupava então as páginas do *Encontro*, e estendia-se até entre mim e o meu irmão, mais velho sete anos, e dirigente conceituado na JUC. Ele, engenheiro diplomado e com reflexão espiritual amadurecida, acreditava que a teoria social da Igreja era o caminho. Eu, jovem caloiro, ardente de novidades, corria à desfilada pelas tribunas que podia alcançar.
- 36 Passo por cima da trágica noite de 11 de Fevereiro de 1964, em que ele morreu num acidente de viação, e com ele a minha prima Lena, irmã de infância, e oriento-me para o seu testemunho de vida e para a orientação que me recomendava.
- 37 Precisava de me convencer de que também a Igreja abordava o processo colonial e que para ele tinha respostas. O capelão da JUC era o cónego António Reis Rodrigues, por quem o meu irmão tinha a mais elevada estima, mas eu não. Com ele era inviável descobrir uma alternativa ao catolicismo oficial. No pessoal do *Encontro* peroravam Bénard da Costa e Luís de Pina, este director da revista *Filme*, editorial Aster, filiação Opus Dei, e, mais em baixo, os primos Galvão Teles e o Varanda, filho do gerente da Suíça, que nunca mais voltei a ver e julgo ter sido quem me deu a conhecer a revista *Croissance des jeunes nations*.
- 38 Hélas! A revista não justificava o colonialismo, longe disso. Abria caminho para a compreensão do *Retrato do colonizado, precedido do retrato do colonizador*.
- 39 A título de exemplo aqui vai um excerto de uma carta dos leitores, do n.º 31, de Março de 1964:
- O fim da vossa revista “ajudar os mil milhões de seres humanos vivendo nos países subdesenvolvidos” coincide com a realização da minha própria existência e esperava, sinceramente, que a vossa publicação me viesse apoiar nessa tarefa. Os primeiros números de que tomei conhecimento (de 10 a 15) trouxeram-me essa esperança. Hélas! Devido a uma alteração de orientação no tema dos vossos artigos, que nem consigo compreender, tive a desagradável surpresa de constatar, designadamente a partir de Março de 1963, que a vossa revista assumia uma viragem cada vez mais politizada, política no sentido de controvérsia sobre os indivíduos no poder e dos sistemas que eles representam. A vossa revista desiludiu-me, julgo que ela passa ao lado do fim que ela se propunha, caindo na demasiado fácil e frequente polémica ideológica. No caso, deveras improvável, de um regresso vosso às fontes, certamente que não deixaria de voltar a ser vosso assinante.
- 40 No mês seguinte a ansiedade dos “bons colonos” tornou-se ainda mais visível:

Acreditei no vosso desejo de apoiar estas jovens nações; estava convencido que uma Argélia independente era a única solução. Infelizmente, não gosto de levar pontapés em certos sítios, nem de os dar, como fazem na vossa revista.

O colonialismo teve defeitos, mas qualquer empreendimento humano tem defeitos. Mas teve também as suas qualidades. Porém, apenas falam das primeiras (é uma perspectiva). Parecem acreditar de coração jubiloso em tudo o que se passa na Argélia e por aí fora, mesmo quando franceses – vossos compatriotas, não o esqueçam – são vítimas. Há, quanto a mim, uma solidariedade nacional que deve brotar no melhor como no pior, e, nesses casos é de regra ter pudor.

- 41 A questão de saber se o colonialismo correspondia a uma situação existencial, como sustentava Memmi, ou se constituía um problema de “sistema”, devendo desaguar no confronto social da luta de classes foi assunto que ainda não resolvi ao fim destes anos e pode ser tema de debate. Mas, em todo o caso, mesmo nos católicos encontrei a mesma resposta – guerra colonial certamente que não.
- 42 A forma de resistência mais eficaz ao regime salazarista, quanto a mim e em Lisboa, foi a que se desenvolveu nas associações de estudantes em torno dos “convívios”.
- 43 Os fins-de-semana para quem contava os escudos da mesada eram um aborrecimento ou uma catástrofe. No primeiro caso significava que se ficara no quarto a ler um romance ou a jogar às cartas com outros parceiros da mesma casa ou próximos. No segundo, que um tivera a ideia aventureira de ir à Ribadouro só para uma imperial e aí acabava-se a fazer a noite e voltava-se sem dinheiro para o resto da semana senão para todo o mês. Ainda por cima, para além da ressaca, ficava o tarro cerebral de uma estroinice que exaltava pouco.
- 44 Ora nos convívios gastava-se pouco ou nada, no caso da AE de Ciências, com o seu jardim até dava para namorar, e aprendiam-se coisas só por estar lá a vê-las e ouvi-las.
- 45 Na minha mente o auto pernambucano de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida severina*, vinha e vem associado à “Banda” do Chico Buarque de Holanda.
- 46 Graças ao convite do Daniel descobri o porquê desta associação mental.
- 47 A *Morte e vida severina*, com texto de Melo Neto e música de Chico Buarque, foi levada à cena pelo Teatro da Universidade Católica de São Paulo e veio à Europa participar no grande prémio do Festival Mundial de Teatro Universitário de Nancy (França), em 1966, onde foi a premiada.
- 48 No regresso fez uma abençoada digressão por Portugal, certamente por se tratar de gente católica (?), e apresentou-se em Lisboa, Coimbra e Porto. Toda a peça é um hino de libertação do oprimido e a banda musical faz dela um manifesto:

Esta cova em que estás, com palmos medida
 É a conta menor que tiraste em vida
 É de bom tamanho, nem largo, nem fundo
 É a parte que te cabe deste latifúndio
 Não é cova grande, é cova medida
 É a terra que querias ver dividida
 É uma cova grande pra teu pouco defunto
 Mas estarás mais ancho que estavas no mundo
 É uma cova grande pra teu defunto parco
 Porém mais que no mundo, te sentirás largo
 É uma cova grande pra tua carne pouca
 Mas à terra dada não se abre a boca
 É a conta menor que tiraste em vida
 É a parte que te cabe deste latifúndio
 (É a terra que querias ver dividida)

Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas à terra dada não se abre a boca.

- 49 O auto de Cabral de Melo Neto teve o poder de me libertar das angústias existenciais do religioso e trouxe-me a serenidade da laicidade. É possível que, se o confronto entre o sagrado e o profano não assumisse a forma totalitária que tinha no fascismo português, eu pudesse ter encontrado um traço de união entre os dois mundos. Tal não ocorreu e nessa passagem perdi a fé.
- 50 Foi quase uma libação. Despreendi-me dos fantasmas infernais, do medo ontológico da danação, do medo comezinho da tirania política, se bem que agora com uma outra dimensão, a de poder ser vítima dele. Descobri que a separação entre mundo espiritual e espaço público é a atitude normal e que ao dar esse passo se abriram esferas de entendimento presas numa caverna inóspita que temia.
- 51 Percebi que havia a magia da criação, o infinito dos números, a obra inacabada do homem e o universo que fica para lá dos horizontes possíveis.
- 52 Percebi o homem unidimensional, não o de Herbert Marcuse, mero agente instrumental no processo de produção, mas o de Leonardo da Vinci, na sua posição de permanente renascimento intelectual.
- 53 Descobri a simplicidade de a “Banda passar”, que Chico Buarque trouxera na sua bagagem quando em 1966 esteve em Lisboa com o auto da *Morte e vida severina*:

Andava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor
Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou
E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor.